

Em memória de Contardo, amigo que sempre esteve à altura¹

JURANDIR FREIRE COSTA*

Prefaciар um grande trabalho intelectual é uma tarefa árdua, sobretudo quando se trata da edição póstuma do escrito de um amigo. É o caso da tese de doutorado de Contardo Calligaris, *Recherche sur la Perversion comme Pathologie Sociale – La Passion de l’Instrumentalité*². Contardo sempre forçou os limites do pensável em qualquer tema que despertasse seu interesse. O presente trabalho é prova disso. Nele, teoria e clínica são exploradas à exaustão, deixando-nos bem perto da inquietante estranheza do que ignoramos ser.

Pensar sobre o Mal, após tudo que foi dito sobre os totalitarismos comunista e nazifascista, pode parecer redundante. Não foi esta a opinião de Contardo, que, lamentavelmente, tinha razão. O assunto nem de longe está esgotado. Hoje, assistimos a ascensão em todo mundo de ideologias de extrema direita que parecem ressuscitar pesadelos históricos que julgávamos varridos pelo tempo. O advento de sociedades e culturas autoritárias em pleno século XXI exige, assim, que procuremos entender como “morrem as democracias”, mas também como os indivíduos consentem em aderir à “imoralidade comum”.

1. Prefácio do Livro: CALLIGARIS, Contardo. *O grupo e mal: estudo sobre a perversão social*. São Paulo: Editora Fósforo, 2022.

* Psiquiatra e Psicanalista Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Professor Titular Aposentado do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/UERJ).

2. A tradução e a edição deste trabalho exigiram muitíssimo do tradutor e do psicanalista e amigo íntimo de Contardo, Octávio Souza, cuja colaboração foi decisiva na edição final do texto.

Contardo dispôs-se a discutir a urgência da questão com a mestria de seu talento. O resultado foi compensador. Poucas vezes, na literatura psicanalítica, descemos tão fundo nos desvãos do obscuro desejo de curvar-se a líderes e regimes autoritário-totalitários. Obviamente, discussões sobre o viés racial, religioso, étnico, de gênero, etário ou outro, implícito em qualquer teoria, não foram consideradas. A análise nem por isso perdeu o vigor. A incontornável datação do vocabulário crítico utilizado não prejudicou a consistência dos argumentos.

De forma esquemática, diria que a hipótese de Contardo apoia-se em quatro eixos. O primeiro concerne à descrição do Mal na forma da corrosão do caráter resultante da depredação do patrimônio cultural democrático. O segundo visa o modo como o sujeito pode render-se ao *ethos* da servidão voluntária, congenial ao autoritarismo/totalitarismo. O terceiro ancora-se na distinção entre “perversão sexual” e “perversão social”, conceitos fundamentais na tese do autor. O quarto, finalmente, busca compreender quais as premissas socioculturais da tentação autoritário-totalitária. O que leva grupos ou sociedades contemporâneas a procurarem destruir preceitos humanistas mínimos como o respeito à integridade física e moral do outro e às instituições simbólico-materiais que garantem a vigência destes preceitos?

No primeiro eixo, Contardo desdobra psicanaliticamente a célebre afirmação de Hannah Arendt sobre a banalidade do mal. A argumentação baseia-se no testemunho de nazistas implicados nas atrocidades cometidas durante a Segunda Guerra Mundial, fora ou dentro dos campos de concentração. De pronto, constatamos o que Arendt sublinhou: entre os nazistas dos mais distintos grupos e escalões – SS, Gestapo, policiais militares, militares do exército e outros – alguns se comportavam como “burocratas” do homicídio; como uma horda fiel e bem treinada de matadores de encomenda. Em outras palavras, esta manifestação da banalidade do mal, este *paradigma Eichmann* criado por Arendt, foi traduzido metapsicologicamente por Contardo como “paixão pela instrumentalidade”.

Em que consiste esta paixão assassina? Para Contardo, a exemplo de Eichmann, a característica mais surpreendente dos nazistas possuídos pela paixão instrumental, era a de afirmar que 1) não nutriam ódio especial aos judeus e a outros grupos humanos escolhidos para ser aniquilados; 2) não

tinham prazer com a dor, sofrimento, humilhação ou morte infligidos às vítimas e 3) sentiam desprezo e até puniam, por vezes, os que mostravam prazer sádico em matar ou matavam pessoas que, pelo regulamento, não lhes competia exterminar. Por último, 4) todos diziam achar moralmente reprovável o que haviam perpetrado, mas fizeram o sacrifício que deveria ter sido feito em nome de um dever maior, servir a causa da raça, do Führer e da Alemanha. Em resumo, na paixão assassina não havia ganho pessoal sádico ou outro no cometimento das chacinas. Como afirmou Raul Hilberg (1993), um dos autores de referência de Contardo, o massacre não tinha outra finalidade, exceto sua própria execução com vistas à realização do “dever maior”.

Fique claro, nem todos os indivíduos partícipes do genocídio nazista apresentavam este comportamento ou esta interpretação de seus atos. Grande parte deles era patologicamente violenta e sádica; outros não pensavam duas vezes no que faziam, e, por fim, alguns cultivavam a grotesca visão burocrático-heróica de si mesmos citada anteriormente. O mais importante, entretanto, é que casos à la Eichmann revelam algo bem mais sórtido. Primeiro, mostram que os indivíduos podem praticar as piores aberrações morais quando acreditam ser guardiões de uma causa “superior”. Depois, expõem a natureza da crueldade asséptica, praticada sem ódio ou prazer sádico. Finalmente, por chocante que pareça, a disposição para se submeter ao *ethos* da imoralidade comum estaria virtualmente inscrita em todos nós. É a pura contingência pessoal ou histórica que inibe a ação do recalque – motor da neurose – e aciona a mortífera defesa da entrega incondicional de si ao gozo do outro – matriz da perversão assassina.

A descrição deste tipo de defesa é o segundo eixo do trabalho. Contardo, aqui, mostra como ocorre a passagem do gozo instrumental virtual para o estado manifesto do comportamento servil. A hipótese apoia-se na diferença entre as noções de *Ideal do Eu* e *Eu ideal*, esboçada por Freud e desenvolvida por psicanalistas pós-freudianos. De modo resumido, o Ideal do Eu é a imagem daquilo que gostaríamos de tornar-nos para sermos amados ou admirados por nossa comunidade de pertencimento. Esta imagem é formada pela bricolagem de ideais de conduta transmitidos pelos pais e de vidas exemplares históricas, religiosas, míticas, artísticas ou científicas dignificadas pela tradição cultural.

Na organização narcísica do Ideal do eu, a realização do desejo subjetivo é um componente das normas civilizatórias. O prazer do sujeito está associado ao respeito pela singularidade do outro e pela tradição ética aberta à experimentos morais, estéticos ou de ordem científica. A instância Ideal do eu, por isso, está na origem da censura moral que recalca as pulsões ameaçadoras do equilíbrio psíquico e na origem da *sublimação*, processo que opera a metamorfose da sexualidade em criações artísticas, científicas, religiosas, amorosas e outros.

O Eu ideal, ao contrário, é a imagem magnificada de si, elaborada na fase da precariedade psicológica do recém-nascido. Para defender-se da angústia do desamparo, o Eu ideal busca tornar-se o instrumento que, imaginariamente, preencheria a suposta falta do outro materno ou seus posteriores substitutos. O pavor do aniquilamento produziria a aspiração de saciar as demandas de completude do outro protetor, mesmo ao custo da devastação da própria vida ou da vida dos outros.

Apesar de única para cada indivíduo, a fantasia de ser instrumento possui uma propriedade comum a todas de sua classe lógica, qual seja, a “funcionalidade”. O desejo do sujeito existe não para se autorrealizar, mas para ocupar a “função” de falo materno. O narcisismo do Eu ideal é a matéria prima do gozo dessexualizado que neutraliza o recalque e faz o sujeito imaginar que, na condição de “função”, contornaria as vicissitudes do desejo humano. Desejo do sujeito e desejo do outro, nesta dinâmica, fundem-se numa entidade megalomaniaca, além do princípio do prazer.

Nos termos de Wittgenstein, diríamos que este gozo apresenta uma semelhança de família com o gozo sexual, mas sua natureza, finalidade e expressão nem coincide nem recobre a área da satisfação sexual genitalizada. Em primeiro lugar, porque a função instrumental é coextensiva à ilusão do gozo irrestrito, ilimitado, fenômeno sem comum medida com o gozo sexual; em segundo lugar, porque se trata de uma paixão de pedra, anestesiada pela malignidade, agonia e silêncio sobre as origens de sua compulsão à submissão.

O Eu ideal, em sua clausura narcísica, rejeita a intrusão de qualquer instância que tente limitar a paixão de corporificar o falo materno. O trabalho psíquico do luto, a metaforização de objetos perdidos, a aceitação da incompletude do desejo sexual, tudo isso é violentamente rechaçado, em benefício do gozo com o cumprimento de rotinas e protocolos de tudo que o su-

jeito pensa, sente, julga e faz. A rejeição do outro pode chegar ao paroxismo de sua aniquilação física, moral ou psicológica.

A dinâmica inconsciente deste quadro é mostrada na clínica, terceiro eixo da tese. Contardo, já foi dito, faz da diferença entre os conceitos de perversão sexual e perversão social um dos tempos fortes de sua hipótese. Como nos depoimentos dos assassinos nazistas, os casos clínicos relatados são, *mutatis mutandis*, igualmente extremos. Porém, diz ele, é justamente a radicalidade das defesas exibidas que põe em xeque as opiniões correntes sobre a “perversão clínica” e a “perversão social”.

É comum entre muitos pensadores definir a máquina autoritário-totalitária como uma perversão social que repetiria em grande escala a perversão sexual. A redução do outro ao status de objeto e o gozo sádico obtido com sua humilhação, tortura ou assassinato parecem corroborar a afirmação. Contardo toma outra direção. Tais formações sociais apresentam, efetivamente, traços perversos. Os traços, no entanto, nada têm a ver com o que é chamado de “perversão sexual” na nosologia psiquiátrica ou psicanalítica.

O tom do argumento consiste, assim, em impugnar o conceito de perversão sexual e afirmar a ideia de perversão social. Recapitulando a história do conceito de “perversão sexual”, Contardo começa por mostrar que o diagnóstico de “perversão” continua sendo bastante inconsistente e controvertido quando aplicado às relações sexuais. Em seguida, diz que o traço perverso do autoritarismo/totalitarismo, ao contrário do que pensa o senso comum psicológico, residiria na ausência do “sexual”. Onde o sexual está, afirma ele, a perversão não pode advir. O *habitat* da última é a aridez do gozo sem descarga e sem a riqueza erótica que apenas a imaginação sexual pode ostentar. Conclusão: o único gozo que realmente poderia ser denominado de “perverso” seria o gozo da perversão social; o gozo instrumental; a paixão de tornar-se instrumento do gozo do outro ou a paixão de ser o falo materno, todos termos ou expressões sinônimos

Autores como Green e Pontalis reforçam a crítica de Contardo à noção de “perversão sexual”. De Green, ele realça os conceitos de fetiche tópico, econômico e dinâmico; de Pontalis, toma emprestado, especialmente, as noções de fetichismo, narcisismo e masoquismo como “categorias do desejo” ou elementos estruturais da psique humana (PONTALIS, 2021).

Vejamos em mais detalhes o desenvolvimento do raciocínio. Nas chamadas perversões sexuais, diz Contardo, o que chama a atenção é a presença de uma “cena” ou “montagem” erguida como defesa contra os apelos do Eu ideal para que o sujeito se torne instrumento. O ritual da cena fetichista exemplifica bem a natureza deste mecanismo. No ritual, a figura do fetiche surge como representante do falo materno, mas a modo de simulacro. O sujeito mediante o 1) desmentido da castração, 2) a divisão do eu e 3) a construção do fetiche satisfaz as injunções do Ideal do eu parecendo realizar as demandas do Eu ideal. O décor fetichista mimetiza ilusoriamente a “continuidade” permanente do gozo instrumental, mas, de fato, rompe a mascarada deste gozo pela irrupção do prazer orgástico. O fetiche, em suma, é um semblante do desértico gozo instrumental dessexualizado.

A razão pela qual o fetiche assume a função de *ersatz* do falo materno deve-se à sua aptidão para corporificá-lo na sua atemporalidade fictícia. Ao contrário do objeto de desejo do neurótico, cujo atrativo libidinal sofre uma perda em gozo decorrente de sua progressiva desidealização, o fetiche mantém o brilho idealizado do que está fora do tempo e da realidade.

Portanto, na teoria de Green revista por Contardo, o fetiche assume a primazia erótica na cena pretensamente “perversa”, não por ser uma peça a mais no circo de horrores da psicopatologia oitocentista, mas por razões diametralmente opostas. O fetiche é um constituinte da vida psíquica muitas vezes chamado a resolver o dilema entre 1) viver a angústia do desamparo ou 2) tornar-se imaginariamente o “falo materno”. Dito de outro modo, o fetichismo seria a formação de compromisso que evita, num só movimento, as duas ameaças a sobrevivência do sujeito como sujeito de desejo.

Como ilustração clínica da teoria, Contardo usa o exemplo do fetichismo sadomasoquista. O fetichismo sadomasoquista é o estereótipo psiquiátrico por excelência da “perversão sexual”. Contardo critica esta noção, recorrendo, entre outras, a obra de Pontalis. Pontalis reforça sua tese, ao trazer à tona a economia da dor e do sofrimento presente na passividade submissa³. Na posição passiva ante o fetiche ou seu portador, o sujeito parece ter se

3. Sobre o tema, ver, Penot, Bernard. *A paixão do sujeito freudiano – Entre pulsionalidade e significância*. Rio. Companhia das letras. 2005.

deixado capturar pelo fascínio da paixão instrumental. Na verdade, contudo, o que ocorre é sua entrada na esfera do prazer masoquista com a dor ou o sofrimento. Sua aparente entrega ao gozo dessexualizado, oculta o prazer sexual obtido na posição submissa. A erotização da dor/sofrimento é uma forma de barrar o gozo sem prazer da função instrumental. O prazer masoquista é, em última instância, um *pis aller*, uma tática usada pelo sujeito para gozar sem o risco de ser tragado pela “função de “instrumento”.

A tríade fetichismo-narcisismo-masiquismo seria parte constitutiva da estrutura psíquica assim como, por exemplo, a tríade edipiana descrita por Freud. Os casos clínicos de sadomasiquismo fetichista – que Contardo, ao lado de autores como Stoller, Kernberg e outros, desvincula da noção de “perversão”⁴ – indicam apenas que certos sujeitos fixam uma forma de prazer abandonada pelos neuróticos em favor de outras formas de prazer libidinal. É preciso enfatizar, entretanto, que no fetichismo sadomasiquista a experiência do prazer sexual contrapõe-se ao “gozo dessexualizado com a instrumentalidade”. Apesar de não fazer parte dos ideais eróticos culturalmente “normalizados”, a sexualidade, neste vínculo relacional, obedece ao princípio do prazer e não às pulsões de morte. O prazer sexual é sempre uma barreira à dessexualização da paixão por tornar-se instrumento.

A perversão, portanto, só existe no laço social⁵. A “doença burocrática”, a verdadeira perversão, é aquela em que o sujeito abre mão do desejo em primeira pessoa para entregar-se a um gozo que, malgrado a promessa de duração perpétua, é um gozo sem desejo, prazer, alegria ou entusiasmo. Apenas a “crueldade sem ódio”, dirigida ao outro, ao diferente, oferece algum alívio pulsional ao burocrata do gozo, parente próximo dos androides criados pela ficção de Phillip Dick⁶. Nas palavras de Contardo,

4. Ver na bibliografia as referências dos trabalhos destes autores.

5. Isto não significa que certos casos de violência sexual ou agressiva não contenham elementos perversos. A questão do autor é outra. O problema é saber em que medida pode-se chamar o gozo com estes tipos de condutas perversas de “sexual”, se pelo termo entende-se a libido freudiana responsável pelo princípio do prazer.

6. Ver, sobre o tema, Costa, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro – Figuras da ética na ficção de de Graham Greene e Phillip K. Dick*. Rio. Garamond. 2010.

“...o erotismo da submissão pede ao sujeito que se despoje das obediências sociais que o constituem e da referência aos ideais que animam sua vida. Ultrapassar o nojo, o pudor, o orgulho, a resistência a dor, compaixão etc., é ultrapassar tudo que pode ser e é obstáculo à paixão narcísica do objeto adequado à falta do Outro materno”.

Sujeito sem ideais, sem ânimo, sem pudor, sem nojo ou compaixão, eis o “perverso” que dorme em qualquer um de nós e pode ser despertado pela insanidade sociocultural.

Por fim, o quarto eixo da tese tem como foco as circunstâncias que favorecem o surgimento da paixão instrumental. Contardo, neste ponto, é parcimonioso. Comparado a estudos similares, o elenco de causas ou razões do surgimento do espírito autoritário/totalitário descrito por ele parece genérico. O tópico fica quase em aberto, deixando claro que sua principal intenção é a de entender melhor a dinâmica inconsciente da paixão por tornar-se instrumento.

Entre os fatores que contribuem para o surgimento da servidão voluntária, em particular na forma extrema do autoritarismo/totalitarismo, ele assinala as experiências de “solidão pessoal ou social”; o “fracasso nas relações com os outros”; “a chance de esquecer as preocupações e dúvidas” e a pobreza de Ideais de eu à disposição do sujeito. Diante disso, pergunta se tais experiências não encontrariam eco na psicopatologia da vida cotidiana? A resposta é positiva. A seu ver, as “queixas cotidianas sobre a falta de sentido da vida”; sobre a “falta de harmonia de nossa vida social; sobre o sentimento de jamais fazer verdadeiramente parte integral de um conjunto humano valoroso, são rastros deixados pelo “lamento por não pertencer a um corpo no qual quereríamos ser o que jamais fomos, um órgão.”

Em síntese, a nostalgia inconsciente de pertencer, de modo quase orgânico, a uma totalidade assumiria o caráter de gozo com a submissão precisamente em períodos de crises narcísicas. Nestes períodos, o sujeito pode sentir-se como um estranho num mundo, até pouco tempo atrás, tão familiar. Ou, então, pode sentir-se supérfluo, humilhado, ofendido e, sobretudo, desprezado pelos “poderosos” e os “inimigos”.

Impossível deixar de evocar, entre tantos outros, os memoráveis estudos de Freud e Arendt sobre o tema. No estudo freudiano sobre a psicologia das massas, a atração degradante pelo líder-fetice, a perda da autonomia e a renúncia ao próprio desejo nascem em situações históricas nas quais o sujeito sente-se desamparado, carente da proteção do outro. Freud diz que quanto mais solitário, fraco e desesperado sente-se o indivíduo, mais sonha com o sentimento oceânico de integrar-se a algo descomunal, que venha redimi-lo de sua pequenez e misérias do dia a dia.

Arendt, por sua vez, evoca o “desenraizamento”, o isolamento e a desorientação cultural como a característica principal dos indivíduos recrutados pelos movimentos fascistas e nazistas. O isolamento, diz Arendt, é pré-totalitário; é o rosto do sentimento de abandono, motor da adesão do sujeito ao pacto que vai da submissão pessoal ao terror coletivo. O sujeito ideal de tais movimentos, prossegue a autora, não é o fanático, mas aqueles para os quais o isolamento do mundo faz com que “já não exista diferença entre o fato e a ficção ... e entre o verdadeiro e o falso” (ARENDT, 1979, p. 242).

Esta seria a condição humana do sujeito prestes a converter-se à “paixão da instrumentalidade”. Pois, reitera Arendt, o governo totalitário

“...só se sente seguro na medida em que pode mobilizar a própria força de vontade do homem para forçá-lo a mergulhar naquele gigantesco movimento da História ou da Natureza que supostamente usa a humanidade como material e ignora o nascimento ou a morte” (ARENDT, 1979, p. 242).

Contardo revela o avesso subjetivo dessa teratologia social. Ao mostrar as entranhas da indulgência para com o autoritarismo-totalitarismo, mostra, ao mesmo tempo, que o antídoto para a peste não é ignorar o que somos, mas ver de frente o que podemos ser. O remédio para o pânico do desamparo não é a subserviência consentida ao líder-abjeto; é a abertura para o outro sexual, amoroso, fraterno.

O estudo sobre a “paixão de ser instrumento” é um legado digno da trajetória humana de Contardo. O “conhece-te a ti mesmo”, em sua vida, jamais foi um ornamento retórico. Foi a ascese radical de quem primou pela

coragem na hora de viver e na hora de morrer; de quem sempre esteve à altura do compromisso com a “palavra verdadeira”.

Amigo, sua morte não é sua evanescência. Você, agora, simplesmente, tornou-se *un Autre*. Um significante de ditos e feitos guardados na memória de nossa melhor tradição psicanalítica, intelectual e ética.

Referências

ARENDT, H. *As origens do totalitarismo – Totalitarismo, o paroxismo do poder*. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1979.

COSTA, J. F. *O ponto de vista do outro – Figuras da ética na ficção de de Graham Greene e Phillip K. Dick*. Rio de Janeiro, Garamond, 2010.

HILBERG, R. *Perpetrators, victims, bystanders. The jewish catástrofe 1933-1945*. New York: HarperCollins, 1993.

PENOT, B. *A paixão do sujeito freudiano – Entre pulsionalidade e significância*. Rio de Janeiro, Companhia das letras, 2005.

PONTALIS, J.-B. *Entre o sonho e a dor*. São Paulo: Editora IDEIAS&LETRS, 2021.

Junho de 2026

Jurandir Freire Costa
freirecostaj@gmail.com
Rio de Janeiro - RJ - Brasil